

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

VERÔNICA ALMEIDA DA SILVA

**LITERATURA INFANTIL:
REFLETINDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA NA CRECHE**

Rio de Janeiro

2014

VERÔNICA ALMEIDA DA SILVA

**LITERATURA INFANTIL:
REFLETINDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA NA CRECHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Ma. Rafaela Vilela

Rio de Janeiro

2014



Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

VERÔNICA ALMEIDA DA SILVA

**LITERATURA INFANTIL:
REFLETINDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA NA CRECHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em 2 de dezembro de 2014.

EXAMINADORES

Ma. Rafaela Louise Silva Vilela
Orientadora

Título e nome do segundo examinador

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2014.

VERÔNICA ALMEIDA DA SILVA

Dedico este trabalho de pesquisa à minha mãe, ao meu pai, aos meus filhos, ao meu marido, à minha nora e a cada criança que tive a honra de educar e cuidar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus que me deu força, saúde, discernimento, me amparou nos momentos difíceis, me sustentou e me inspirou para continuar a caminhada.

Aos meus pais que me deram a vida e me criaram dentro de um modelo que me incentivou a ser uma pessoa guerreira, corajosa, de caráter, que não desiste dos seus ideais.

Aos meus filhos e marido que compreenderam os meus momentos de ausência para a escrita deste trabalho, me apoiando em todos os momentos.

Às colegas Florinda, Deisiane, Telma, Luciene, Edna, Andrea Oliveira e Patrícia por não deixarem que minha volta para casa se tornasse solitária.

À minha nora que tornou os meus dias mais felizes me presenteando com a minha neta Manuella.

À Maria Cecília, Madalena Freire, Heloisa Potássio, Claudia Casa Nova, Tião e Diego pelo carinho e atenção que sempre me trataram.

A todos os professores do Pró-Saber pela possibilidade de construir conhecimento.

À minha orientadora Rafaela Vilela pela sua dedicação e carinho.

Ainda acabo fazendo livros onde
nossas crianças possam morar.

Monteiro Lobato

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar a prática da leitura literária em uma turma de Educação Infantil. Compreendendo a literatura infantil como bem incompressível, considero a leitura de histórias na creche um momento importante para se despertar o gosto pela leitura, promover aprendizagem e para se divertir. Nesse sentido, questiono: as professoras leem ou contam histórias? Com que frequência? Elas conseguem inserir intencionalmente a literatura em seu cotidiano? Como? Para responder a essas questões, busquei diálogo nos estudos de Abramovich (2008), Cademartori (2010), Candido (2011) e Freire (2008). Os instrumentos metodológicos utilizados para a construção dos dados dessa pesquisa foram a observação e o registro das aulas em uma turma de Maternal I (crianças de 2 e 3 anos) em uma creche municipal, localizada na zona norte do Rio de Janeiro. Através das análises destaco a importância da formação dos professores para o desenvolvimento de uma prática de leitura intencional e dialógica na educação infantil.

Palavras Chaves: Literatura Infantil. Prática de leitura. Creche. Educação Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A LITERATURA COMO DIREITO	14
1.1 Focando o meu olhar na história para compreender a origem da literatura infantil	15
1.2 Origem e evolução da literatura infantil no Brasil	16
2. LITERATURA NA CRECHE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	18
2.1 Construindo os instrumentos teórico-metodológicos	19
3. OBSERVANDO A LEITURA LITERÁRIA NA CRECHE	22
3.1 Conhecendo a Creche Municipal Pesquisada	22
3.2 Conhecendo os sujeitos de pesquisa	23
3.3 Em campo com a literatura	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

Poder voltar atrás, lembrar, ativar as lembranças, apropriar-se de fatos, relações guardadas e adormecidas, possibilita um re-ler e re-escrever o próprio processo de aprendizagem.

Madalena Freire (2008, p. 54)

Considerando que o ser humano possui a necessidade de expressar seus pensamentos, emoções e sentimentos, inicio a escrita dessa pesquisa com um movimento de reflexão acerca da minha trajetória na educação infantil.

Na escrita dessa trajetória, me desafio assim a ser escritora, narradora e personagem da minha própria história. História que desponta no ano de 2003, quando comecei a trabalhar em uma creche municipal, na função de merendeira.

Sei que não nasci professora, mas comecei a me constituir como tal quando fui inserida na educação infantil na função de merendeira. Compreendi que, apesar de estar trabalhando na cozinha, eu também era uma educadora, executando a minha função com cuidado, carinho e dedicação, sendo conhecedora de que a alimentação é parte importante de um bom aprendizado.

Encantada com a perspectiva de um dia atuar como professora, dediquei-me aos estudos para o cargo de agente auxiliar de creche da prefeitura de Rio de Janeiro. Mesmo passando no concurso, não fui chamada de imediato, continuando a exercer minha função de merendeira com dignidade. Em dezembro de 2008, fui nomeada e minha posse aconteceu em fevereiro do ano seguinte.

Em cumprimento à lei que determina que o profissional que atua em sala de aula deve ter a formação de professores, a prefeitura disponibilizou um curso para as agentes auxiliares de creche no ano de 2010 (Proinfantil - MEC). Vi que esta era mais uma oportunidade de construir conhecimento. Depois de concluir o curso em 2011, me interessei em prestar o vestibular para o Pró-saber.

Esta nova etapa em minha vida foi fundamental para o meu crescimento profissional e pessoal. O primeiro ano do curso, quando mergulhei no meu eu, compreendi os meus sentimentos em relação à escolha da profissão de

professora. Como afirma a nossa grande professora Madalena Freire, somos constituídos como sujeitos no amor e no ódio. E foi em meio à minha revolta em ver como a função de merendeira era discriminada e desvalorizada, que resolvi mudar a minha história.

O despreparo profissional e as dificuldades em relacionar teoria e prática em sala de aula foram aos poucos sendo ressignificados pelos conhecimentos construídos e confrontados com a urgência de colocar em prática os aprendizados na vida de grupo do Pró-Saber.

No decorrer do curso, compreendi que o conhecimento que produzo em meu cotidiano docente implica em uma análise das teorias que aprendi. Desta forma, a proposta deste trabalho de conclusão de curso é realizar uma pesquisa que possa discutir o lugar da literatura na creche.

Considerando que um dos momentos mais ricos e significativos no cotidiano da educação infantil é a “hora da história”, assim procuro abordar a literatura infantil como um bem incompressível (CANDIDO, 2011), fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança.

Por reconhecer e acreditar que a prática com a literatura infantil deva ser priorizada na creche e assumindo a minha responsabilidade de professora e pesquisadora, parto da minha experiência como educadora para discutir a importância do ato de ler e ouvir histórias.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender e discutir o papel que a literatura infantil exerce na formação das crianças. Reconhecendo seu caráter humanizador, e na tentativa de dialogar com essa premissa, busco também conhecer ações mediadoras que amplifiquem a relação das crianças com os livros literários.

Neste sentido pretendo observar, registrar e acompanhar os ambientes de educação infantil da creche municipal pesquisada, investigando as práticas de leitura das crianças de dois e três anos. Assim, essa pesquisa utiliza como instrumentos metodológicos a observação e o registro.

A observação das práticas literárias na creche buscou responder aos seguintes questionamentos: as professoras leem ou contam histórias? Com que frequência? Elas conseguem inserir intencionalmente a literatura em seu cotidiano? Como?

Os dados construídos durante a pesquisa de campo foram registrados

em caderno de campo e analisados em interlocução com os estudos de Abramovich (2008), Cademartori (2010), Candido (2011) e Freire (2008).

O presente trabalho foi estruturado em cinco partes. A **Introdução** apresenta meu memorial e o interesse pelo tema. O **Capítulo I – A Literatura como direito** – defende a literatura como um bem incompressível, fundamental para a sobrevivência humana (CANDIDO, 2011), e traça considerações históricas sobre a literatura infantil. O **Capítulo II – Literatura na creche: aproximações e distanciamentos** – discute a importância da literatura infantil na esfera escolar e apresenta os caminhos teórico-metodológicos utilizados para construir essa pesquisa. O **Capítulo III – Observando a leitura literária na creche** – tece, após contextualizar o campo e os sujeitos da pesquisa, considerações sobre a leitura literária na creche por meio da observação e do registro. As **Considerações Finais**, concluem com reflexões a respeito da leitura literária para e com crianças pequenas. Por fim, constam as **Referências Bibliográficas** utilizadas para a elaboração dessa pesquisa.

1 A LITERATURA COMO DIREITO

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

Antonio Candido (2011, p. 177)

Na epígrafe escolhida para abrir esse capítulo, Candido ressalta que o encontro com a ficção e com a fantasia são necessidades universais, que precisam ser compreendidas enquanto um direito. Para isso, o autor propõe compreendermos a literatura (entendida enquanto arte) como um bem incompressível, sendo esta tão importante quanto o direito à alimentação, saúde e moradia.

Entendo aqui por humanização (já tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182)

Assim, a literatura corresponde a uma necessidade universal, um bem incompressível, porque tem a possibilidade de dar diferentes formas aos nossos sentimentos e pensamentos, organizando na e pela palavra o nosso caos interno. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (p. 177).

É por meio do contato com a literatura infantil que as crianças constroem conhecimento para fazerem suas próprias leituras de mundo. No espaço de educação infantil, a literatura deve ser compreendida como uma possibilidade de construção de conhecimento, pois o contato com os livros oferece às crianças a possibilidade de ampliar a sua imaginação e criatividade, aproximando-as de situações do mundo imaginário e do mundo real. Nesse

sentido, faz-se necessário que tanto as instituições de educação quanto as famílias incentivem e proporcionem o encontro com a leitura, considerando-a como uma atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança.

Lígia Cademartori (2010) aponta que “historicamente a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema de educação, ocupa lugar mais destacado graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe a escola assumir” (p. 13). Dialogando com a afirmação da autora, compreendo que a literatura infantil deve ser entendida como uma possibilidade de construção de espaços significativos, devendo, portanto, ser considerada uma prática educativa importante no cotidiano escolar.

1.1 - Focando o meu olhar na história para compreender a origem da literatura infantil

As concepções de criança e infância vêm assumindo diferentes significados ao longo do tempo. Em um primeiro momento, as crianças eram vistas pela sociedade como um adulto em miniatura. Nesse sentido, as famílias não distinguiam claramente as crianças dos jovens e dos adultos. A partir dos sete anos de idade, independente de sua condição social, as crianças eram colocadas em famílias estranhas para aprenderem os serviços domésticos. Essa era a forma de educação tanto para ricos quanto para pobres (CADEMARTORI, 2010).

É a partir das transformações sociais europeias e de uma nova concepção de criança que surge a literatura infantil. No início ainda não se produzia uma literatura específica para as crianças. Na verdade, os primeiros contos para crianças eram adaptações dos contos populares.

Dois autores se destacam nesse movimento. No século XVII, o autor francês Charles Perrault iniciou a coleta de narrativas populares e lendas da idade média, adaptando-as à cultura da classe burguesa, surgindo os chamados contos de fadas. A origem da literatura infantil também está ligada aos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que no século XIX realizaram uma coleta de contos na Alemanha, transformando-os em literatura infantil.

Segundo Cademartori (2010), o período em que Perrault coletou seus contos foi marcado por grandes transformações e contradições sociais. Esse momento foi após o Fronde, movimento popular de oposição ao governo absolutista do reinado de Luís XIV. A ascensão da burguesia como classe social foi um fato determinante para a consolidação de instituições como a família e a escola. Assim, é a partir do fortalecimento da burguesia que essas concepções começam a ser modificadas e as crianças passam a ser consideradas socialmente como seres diferentes dos adultos.

Desse momento em diante, as crianças passaram a ser consideradas como sujeitos com necessidades e características diferentes dos adultos, necessitando de uma educação diferenciada. A literatura passa também a ter uma nova configuração: a de ensinar, sendo impregnados de valores e morais que correspondiam a cultura da época. Portanto, desde de sua origem, a literatura infantil foi criada com o objetivo de ensinar valores, hábitos e condicionar as crianças para atenderem aos padrões. Percebo que essa linha de pensamento, de que a literatura infantil está a serviço da moralização, prevalece até os dias de hoje.

1.2. Origem e evolução da literatura infantil no Brasil

No Brasil, a literatura infantil apareceu tardiamente, um pouco antes da virada para o século XX, permanecendo por muito tempo no domínio da cultura europeia. Com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, e a chegada de D. João VI ao Brasil, pode-se falar em literatura infantil no país. E, nesse contexto da época, as obras publicadas eram adaptações das obras portuguesas.

Segundo Cademartori (2010), Alberto Figueiredo Pimentel foi um dos primeiros autores da época a fazer adaptações dos contos europeus no Brasil, publicando traduções dos contos de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen. Entre os contos que foram publicadas estão “O Conto da Carochinha”, “A História da Avozinha” e “A História da Baratinha”.

A literatura infantil no Brasil inicia com Monteiro Lobato no ano de 1920, com a sua obra “A menina com narizinho arrebitado”. Por ser um nacionalista ardoroso, Lobato desenvolveu em suas obras aventuras para as crianças com características típicas da época, integrando costumes do campo e lendas do

nosso folclore. “O sítio do pica pau amarelo” é um exemplo, destacando bem as características da vida rural e da cultura brasileira.

O autor desenvolve um olhar crítico e transparente para os problemas sociais que aconteciam no país transmitindo a sua inconformidade para a obra. Seus livros antecipam uma realidade que supera os preconceitos históricos e ignora o moralismo tão presente nas obras destinadas às crianças, tais como os preceitos religiosos e as normas sociais.

Depois de Lobato, a produção de literatura infantil no Brasil ficou reprimida por um longo período e só a partir da década de 1970 esse gênero passa a ser retomado no país. Em uma ação pedagógica que buscava erradicar o alto índice de analfabetismo no país, o governo iniciou um movimento de investimento no ensino básico, valorizando o livro como instrumento indispensável para o desenvolvimento das crianças.

Nas últimas décadas a literatura infantil vem se constituindo de forma diversificada em nosso país. O mercado editorial no Brasil tem ampliado a cada ano sua produção para o público infantil, aumentando o número de obras nacionais e estrangeiras nas prateleiras, investindo tanto em produções simples e de baixo custo quanto na diversificação de materiais que encantem os leitores, como os livros com abas e formatos gráficos diferentes.

No próximo capítulo, discuto a importância da literatura infantil na esfera escolar e apresento os caminhos teórico-metodológicos utilizados para construir essa pesquisa.

2 LITERATURA NA CRECHE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Porque refletimos, desejamos, sonhamos, somos sujeito, fazemos educação. Observar, olhar o outro e a si, significa estar atento, buscando significado do desejo, acompanhando o ritmo do outro, buscando sintonia com este. A observação faz parte da aprendizagem do olhar, que é uma ação altamente movimentada e reflexiva.

Madalena Freire (2008, p. 32)

A valorização da instituição família na idade média gerou um controle no desenvolvimento intelectual das crianças. A escola e a literatura infantil foram encarregadas de cumprir essa missão, que resultou em uma concepção de educação mecânica e arbitrária que marcou muitas gerações.

Ainda hoje, a literatura infantil presta-se a muitos papéis nas instituições de educação. Ao mesmo tempo em que é possível ver o lado pedagógico, que estabelece a introdução de regras e valores, percebemos também as crianças mergulhadas no viés artístico e estético. Como relata a escritora brasileira Lygia Bojunga Nunes (1990), livro é vida e as crianças necessitam ter a oportunidade de brincar com o livro e descobrir o mundo que está dentro de suas páginas, apreciando as ilustrações, penetrando nas palavras através de sua imaginação.

Essa deveria ser a relação das crianças que frequentam os espaços de educação infantil com a literatura infantil, pois enquanto interagem com o mundo simbólico, as crianças expressam suas opiniões e ampliam a sua linguagem e o seu conhecimento de mundo.

Apesar de, na maior parte das vezes, ser na escola que as crianças começam a ter primeiros contatos com os livros e com a literatura infantil, essa relação não deve ser tarefa apenas do professor ou da instituição de educação. É de suma importância que a família esteja envolvida nesse processo de formação de cidadãos autônomos, reflexivos, críticos e de cultura. Mas o que fazer quando essa prática não faz parte da cultura das famílias dos nossos educando?

Em sua tarefa pedagógica de ensinar, o professor necessita construir uma relação dialógica durante a prática com literatura infantil, organizando um

tempo e espaço que favoreça o educando a pensar, questionar, argumentar, opinar, ouvir outras opiniões e reformular o seu pensamento, valorizando-o como sujeito ativo na construção do seu conhecimento.

Percebo a literatura infantil como um instrumento fundamental para aguçar o sentido crítico, para ampliar a visão de vida e aumentar a perspectiva de uma educação de qualidade. Quanto mais percebo essa importância, mais me comprometo com a minha prática docente, compreendendo que devo valorizar a partilha, a ludicidade e a escuta atenta aos interesses e curiosidades dos educandos.

Assim, a partir do pressuposto de que as crianças são sujeitos sociais, históricos e de cultura, percebo a importância de cultivar o contato e a interação das crianças com os livros desde a mais tenra idade. A literatura infantil promove condições das crianças construírem conhecimento do mundo, de si e do outro por intermédio da fantasia e da imaginação. Quando a literatura infantil é utilizada como ferramenta para construir um pensamento crítico, ela contraria o caráter pedagógico.

2.1. Construindo os instrumentos teórico-metodológicos

Ensinar é, antes de tudo, um ato reflexivo. Madalena Freire (2008) apresenta em seu livro “Educador” a educação como espaço político pedagógico, no qual a paixão de ensinar e aprender devem estar presentes na prática docente. Nesse sentido, a educação apresenta a possibilidade de humanização da sociedade e da constituição de um sujeito autônomo, crítico, político e reflexivo.

Para Freire (2008), “o educador educa a dor da falta. Educa a fome do desejo. O educador educa a dor da falta cognitiva e afetiva para a construção do prazer. É da falta que nasce o desejo. Educa a aflição da tensão, da angústia de desejar. Educa a fome do desejo” (p. 31).

A partir dessa leitura, percebo a preocupação da autora em destacar as relações entre educador e educando na prática escolar, destacando que é na relação que o processo de construção de conhecimento e da constituição do sujeito acontece. Nessa concepção de educação o professor não detém o conhecimento, mas constrói junto com o grupo.

Para a minha vida acadêmica, utilizar a observação como um instrumento metodológico que aperfeiçoa o olhar, não foi tarefa fácil, pois

Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu, em nós, paralisia, fatalismo, cegueira. Para romper com esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante (FREIRE, 2008, p. 45).

Na minha prática, a observação tornou-se um exercício de olhar atento para as dificuldades e movimentos de aprendizagem dos meus alunos, pois não basta oportunizar atividades pertinentes e diversificadas, mas sim, observar como estão sendo construídas as hipóteses e aprendizagens dos alunos a partir do que proponho. Com o exercício de observar identifico como eles constroem o seu conhecimento.

todo educador cria instrumentos de trabalho que alicerçam a apropriação de sua prática. São instrumentos de trabalho que alicerçam a construção da disciplina intelectual. Avaliação, observação, planejamento, registro reflexivo fazem parte do dia a dia do educador (professor ou coordenador) na construção dessa disciplina” (FREIRE, 2008, p. 37).

Nesse sentido, o educador que utiliza em seu cotidiano esses instrumentos, supera e rompe com uma concepção de educação autoritária estabelecendo uma nova perspectiva para o processo de aprendizagem, que visa promover a participação do aluno na construção de seu conhecimento e da sua autonomia, em uma relação de igualdade na qual o educador é o mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Como educadora, às vezes me vejo questionando como vou iniciar o meu registro. Para Freire o registro é uma marca individual de cada educador, não é algo burocrático que deve seguir uma regra. É algo especial onde serão registrados os acontecimentos e vivências diárias da minha sala de aula e do meu trabalho docente, pelo qual irei realizar um ato libertador, o ato de refletir e analisar a minha prática pedagógica, em um movimento de ação-reflexão-ação. Sendo assim, o registro torna-se um instrumento importante para o educador comprometido com o constante aprimoramento de sua prática. Através do registro, o educador realiza o levantamento dos caminhos que já foram percorridos pelo educando, assim como os que faltam, oferecendo

ferramentas para que o educador possa repensar o seu planejamento e sua atuação.

No Pró-saber fui incentivada a tornar-me uma professora-reflexiva, que busca na própria ação um movimento de reflexão, para repensar e alterar a prática em sala de aula. A creche municipal observada para a escrita desta pesquisa é meu espaço de trabalho há mais de dez anos. Lá fui merendeira e atualmente sou agente de educação infantil. Experimentar um novo lugar, o lugar de pesquisadora, em um ambiente tão conhecido não foi tarefa fácil. Observar os meus alunos e a professora com a qual trabalho revelou sentimentos dos quais jamais experimentei e exigiu de mim uma postura ética e um movimento de deslocamento para perceber o lugar da literatura em um espaço que me é tão familiar. Entretanto, busco nessa monografia apontar aproximações e distanciamentos da prática da leitura literária para e com a crianças pequenas, não como críticas ou verdades, mas como diálogo e reflexão.

Romper com uma concepção de educação autoritária e engessada pressupõe que o professor repense a sua prática educativa, sua postura como professor e o desejo de ensinar. Ao registrar, o educador tem em suas mãos um importante documento para a construção de sua consciência pedagógica e política. Com o ato de registrar, guardo parte de um tempo vivido com o grupo, construindo minha/nossa história pessoal e coletiva, momentos significativos para o grupo.

No próximo capítulo, após contextualizar o campo e os sujeitos da pesquisa, teço considerações sobre a leitura literária na creche por meio da observação e do registro.

3 OBSERVANDO A LEITURA LITERÁRIA NA CRECHE

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo...

Fanny Abramovich, (2008. p. 16)

As palavras de Abramovich revelam a importância da prática com a literatura infantil na primeira infância e sua contribuição para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança. O professor que exerce seu papel político, tem em seu ensinar a tarefa pedagógica de promover a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade.

Diante dessa realidade, através deste trabalho de pesquisa busco observar o cotidiano de uma turma de maternal I (crianças de 2 e 3 anos), em relação ao desenvolvimento da prática com a literatura infantil realizada pela professora da turma. Para isso, abordo os seguintes pontos de observação: A professora reconhece a importância da criança ter contato com literatura infantil desde de mais tenra idade? A professora conta ou lê as histórias? Qual o lugar da literatura infantil para essa turma?

3.1 Conhecendo a Creche Municipal Pesquisada

A pesquisa foi realizada em uma Creche Municipal, localizada na Comunidade do Morro do Juramento, no bairro de Vaz Lobo, na cidade do Rio de Janeiro. A creche foi fundada em 2003 – a princípio foi administrada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social da Cidade do Rio de Janeiro e no ano de 2005 passou a ser administrada pela Secretaria Municipal de Educação.

A comunidade sofre com as desigualdades sociais e é visível a ausência de política pública habitacional. Os moradores convivem diariamente com a falta de água e de energia elétrica. A coleta de lixo é inadequada e os moradores levam o lixo até uma caçamba que fica próxima ao portão da creche.

O prédio da creche possui dois andares. No primeiro andar encontra-se o hall de entrada (com bebedouro, dois murais para apresentação de trabalhos, um quadro de avisos), secretaria, biblioteca, duas salas de atividades, refeitório, cozinha, fraldário e dois banheiros para os funcionários. O segundo andar possui um solário, dois banheiros infantis e quatro salas de atividade, cada uma com lavatório interno, armários, DVD, televisão, ventilador e ar condicionado.

A instituição atende 150 crianças, com idade entre seis meses a três anos e onze meses, em turno único, de 7h às 17h. A creche possui seis turmas (dois berçários e quatro maternais) com uma média de 25 alunos em cada uma.

A creche tem um quadro de funcionários administrativos (diretora e diretora adjunta), docentes (onze professoras de educação infantil, vinte e quatro agentes de educação infantil) e funcionários de apoio (duas cozinheiras, duas lactaristas e três auxiliares de serviço gerais).

3.2 Conhecendo os sujeitos de pesquisa

Os sujeitos dessa pesquisa são uma professora e vinte e duas crianças de uma turma de maternal I (2 e 3 anos). A docente dessa turma é formada em pedagogia e, além de ser professora na creche pesquisada, ministra aulas para duas turmas do ensino fundamental (quarto e quinto ano) em uma escola particular (no turno da manhã).

3.3 Em campo com a literatura

Com o objetivo de investigar a prática de leitura literária nesta turma de educação infantil, busquei através da observação e do registro, perceber qual o lugar da literatura no cotidiano escolar das crianças pequenas. As observações ocorreram durante todo o mês de julho de 2014, durante o período da tarde.

Para as discussões desta monografia, foram escolhidos três eventos de leitura. Primeiramente apresento cada um dos eventos observados e, em seguida, teço alguns diálogos que buscam discutir o lugar da literatura na creche.

“Bumbum na linha azul, bumbum na linha azul”

Nesse dia havia dezoito crianças e o livro utilizado nesse dia foi *Vai Começar a Brincadeira*.

Após o lanche as crianças foram para a sala e a professora começou a falar: “bumbum na linha azul, bumbum na linha azul” referindo-se a um círculo que há no meio da sala. Quando as crianças já estavam sentadas, ela pegou o livro *Vai Começar a Brincadeira*. A professora abriu na página que tinha a música da *borboletinha* e começou a cantar, depois perguntou para as crianças: “Quantas borboletas têm aqui?” Paulo respondeu: “duas.” A professora continuou: “Isso mesmo Paulo são duas borboletas. Vamos contar? Uma, duas, ...”. Em seguida ela pula para a página trinta e oito do mesmo livro e começa a cantar a música *meu galinho*, mostrando a cena do livro: “Onde está o galinho perdido?” Todos ficam em silêncio. Ela então mostra o galo que está entre as gravuras em preto e branco. “Olha o galinho está aqui”. Pula novamente para a página quarenta e seis e começa a cantar a música da *cobra não tem mão*. “Que bicho é esse?” As crianças respondem: “uma cobra”. “E que cor é essa cobra?” Ronaldo responde “é amarela” A professora diz: “Não, você errou, a cobra é laranja e azul”. E quando vai iniciar a música da página cinquenta, a agente de educação avisa que está na hora do jantar.

(Diário de campo, 18/07/2014)

“Zip zapzapzum minha boca vou fechar...”

Após o lanche, a professora fala para as crianças: “Está na hora da...” e as crianças respondem “historinha!!!!”. “Bumbum na linha azul, bumbum na linha azul..... Zip zapzapzum minha boca vou fechar...” A professora apresenta o livro *Orelhas, olhinhos, caudas e focinho*. “Vou colocar meu amigo aqui do meu lado, esse é o meu amigo, o boi. E vocês sabiam que ele é o marido da vaca? E aqui nessa historinha tem uma vaca. Vamos ver? Mas antes da vaca aparecer tem um outro bichinho aqui, é o burro. Olha o focinho do burro e ele é amigo do boi. Olha esse é o cavalo, o burro é pequeno e o cavalo é grande. E olha quem apareceu a vaquinha e ela está junto com a galinha, o porquinho e o boi. Agora quem sabe o nome desse bichinho?” As crianças respondem: “É o cachorro”. “Isso mesmo é o cachorro e ele não pode fazer xixi dentro de casa, ele tem que fazer xixi na terra. E essa aqui é a ovelha e para acabar a história sabe quem vai aparecer? A é o gatinho, que bonitinho!!!!!”

(Diário de campo, 21/07/2014)

“Assim ela vai ficar sem amigos. Pode fazer isso com os amigos?”

A professora inicia a atividade falando para as crianças que esse momento é hora de fazer silêncio e que está na hora da historinha. Em seguida canta: “E agora minha gente uma história eu vou contar é uma história bem bonita todo mundo vai gostar trê lê lê tra lá lá, zip zap zap zum minha boca vou

fechar. O nome da história é: *As fadas nos falam de generosidade*. Essa aqui é a fada verde e ela gosta de comer maçãs verde e ela tem uma missão. Sabe qual é a missão dela? Tomar conta da macieira, a macieira é a árvore onde nascem as maçãs verdes”. As crianças perguntam: “cadê?” “Olha aqui, é essa árvore aqui e a fada verde fica todo tempo em cima dessa árvore. E sabem o que aconteceu? Outro dia apareceu um pássaro na macieira e ele queria uma maçã para comer e a fada falou para ele pegar a maçã e ir embora. Mas o pássaro queria ficar um pouco com ela, mas ela não deixou e mandou o pássaro embora. Depois a fada rosa e a fada vermelha vieram visitá-la, mas a fada verde só queria ficar em cima da árvore vigiando as maçãs. Aí, assim ela vai ficar sem amigos. Pode fazer isso com os amigos?” “Não!!!!”, responderam as crianças. “Poxa vida as fadas queriam ficar conversando com a fadinha verde, mas como ela não quis elas foram embora e sabe o que aconteceu? A fada verde ficou sozinha. E a história acabou”.

(Diário de campo, 23/07/2014)

Nos eventos observados, é possível perceber que a professora reconhece que a prática com literatura infantil deve ser cultivada, visto que esta prática está presente em seu planejamento com frequência. Segundo Abramovich (2008) esta rotina ajuda bastante no desenvolvimento do interesse das crianças pela leitura literária. Nesse sentido, a literatura torna-se indispensável para a formação da criança, pois o momento de escuta é o início da aprendizagem para ser um bom leitor.

Porém, apesar dessa prática se fazer presente no cotidiano da turma do maternal I, observa-se que a professora não aproveita esse momento com intencionalidade e que, apesar de contar histórias diariamente, ela nem sempre valoriza a narrativa do livro.

Acredito que isso acontece pelo fato de que apesar de ter a prática com literatura infantil inserida no seu planejamento, não há uma preparação do espaço e do momento, tornando-se um momento rígido, em que as crianças precisam ouvir/ler as histórias sentadas em círculo, sempre no mesmo lugar e na mesma posição. Compreendo a necessidade de criarmos um olhar sensível para a organização dessa atividade, pois a forma como a leitura é realizada altera a relação que as crianças estabelecem com o livro. Uma leitura mais próxima, sem a necessidade do controle do grupo oferece a oportunidade das

crianças entrarem no texto, despertando a imaginação, proporcionando um momento de prazer e aprendizagem.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica.... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 2008, p. 17)

A partir dos conhecimentos que construí durante a minha graduação no Pró-Saber, reconheço a diferença que há entre ler e contar uma história. Quando se lê uma história, a mesma é apresentada preservando as palavras escolhidas pelo autor e o leitor-narrador se mantém fiel ao que está escrito. Observei que a professora, na maior parte das vezes, prefere contar as histórias, não valorizando o texto escrito e sim suas próprias palavras, interpretando as ilustrações dos livros e agregando outros elementos, como músicas e sons. Nesse sentido, reconheço que quando o professor na primeira infância lê uma história para seus alunos, ele está apresentando a obra conforme a sua linguagem original, nas palavras do autor. E quando ele conta envolve a improvisação, impedindo aos leitores de mergulharem na cultura escrita. Segundo Abramovich (2008), “quando se lê uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante...”, destacando a importância de valorizar esse momento.

Qual o lugar da literatura infantil para esse grupo de crianças? Literatura infantil é um bem incompressível (é uma necessidade básica para a sobrevivência do ser humano), e cabe a instituição de educação garantir o contato com essa arte e com esse bem desde de a primeira infância. Para isso necessita, promover momentos em que as crianças possam ter contato com as obras, manuseando-as, encantando-se com as ilustrações e lendo através da voz do leitor experiente. Observo que a literatura infantil tem lugar na creche municipal observada. Um lugar que, apesar de precisar ganhar destaque, está presente na rotina das crianças. Os livros na turma do maternal I ficam dentro

de uma caixa de papelão, em uma estante, sem promover o livre acesso das crianças e a biblioteca é um espaço ainda pouco visitado pela turma.

Apesar da prática com literatura estar inserida na rotina da turma, a professora pode organizar esse momento de forma com intencional, organizando o espaço de forma atraente e conversando com as crianças antes e depois da leitura, abrindo espaço para a construção de sentidos entre o grupo. O texto literário pode ser compreendido como um instrumento facilitador dessa prática, criando várias oportunidades de diálogos. Essa questão pode ser desenvolvida através de levantamentos de hipóteses, expressão de sentimentos e emoções das crianças através de desenhos, recontos das histórias, dramatizações. Trabalhando as cem linguagens da criança, que é um recurso essencial na educação infantil, reconhecemos que a criança é sujeito ativo na construção do seu conhecimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos enquanto pessoas humanas, marcadas pela incompletude, pela falta. É da falta que nasce o desejo.

Porque sempre falta, somos sujeitos desejantes.

Porque desejamos, sentimos e constatamos a falta, a temos presentes.

Porque nunca estamos satisfeitos (só temporariamente...) sonhamos, temos futuro.

Sem a falta, não existiria desejo, nem sonhos, nem futuro, nem sujeito autor do destino.

Sem a consciência da falta, não existiria aprendizagem humana, aproximação do sonho presente e futuro, mas sim adestramento.

Madalena Freire (2008, p. 64)

A concepção de infância é algo historicamente construído. Atualmente, as crianças são vistas como sujeitos de direitos, devendo ser respeitadas em todas as suas dimensões (relacional, racional e desiderativa). As mudanças que ocorreram nos últimos anos e os avanços no que diz respeito às questões legais dos direitos das crianças e as novas políticas voltadas para a primeira infância, buscam promover novas ações pedagógicas na creche e na pré-escola.

Acreditando como Candido (2011) que a literatura é um bem incompressível e, por isso, um direito de todos, defendo que a literatura infantil deve estar presente no cotidiano escolar e, foi com esse intuito que busquei investigar o lugar da literatura na creche.

A pesquisa, que contou com observações e registros em um creche municipal, reafirmou a importância da literatura infantil. Os eventos apontaram que, apesar de ser uma prática frequente, a leitura literária ainda é pouco valorizada em sua perspectiva estética. A literatura ainda é usada de forma mais constante para ensinar valores morais, para acalmar o grupo e para passar o tempo. Percebo a necessidade de assumir essa prática com intenção, promovendo espaço e tempo para o encontro com a cultura escrita. Para isso, ressalto a necessidade de ler o texto tal qual o autor escreveu, pois simplificar as histórias ou simplesmente descrever imagens não possibilitam aos leitores

mergulhar na ficção. Assumo aqui o meu papel de professora mediadora que conduz uma prática com literatura infantil de forma intencional, valorizando o sujeito como um ser capaz de dialogar, compreender e estabelecer relações.

Assim, com este trabalho, espero colaborar com os docentes que atuam na educação infantil, com o objetivo de suscitar novas descobertas em relação a prática com literatura infantil, desenvolvendo uma ação transformadora voltada para despertar os sentidos que há ao ler uma história para e com os pequenos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2008.

CADERMATORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro: um encontro com Lygia Bojunga**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.